

NIETZSCHE, NEGATIVIDADE E PSICOLOGIA NO PENSAMENTO DE FOUCAULT DOS ANOS 50¹

Nietzsche, Negativity and Psychology in the Thought of Foucault of the 50's

Gunther Mafra Guimarães²

RESUMO: O seguinte artigo visa demonstrar que diversas indagações do “jovem” Foucault são pertinentes para entender o desenvolvimento de suas obras futuras, especificamente tomando seu contato com as obras de Nietzsche na década de 50 para ilustrar o universo de questões que se encontrava envolvido na época e a maneira pelas quais teriam desembocado em suas reflexões mais conhecidas, como em *História da loucura* e *As palavras e as coisas*. Dessa forma, através da leitura e análise detida de fontes primárias, das biografias de Foucault e de pesquisadores interessados na fase pré-arqueológica do pensamento foucaultiano, conclui-se que tais reflexões não se reduzem a teses ultrapassadas, mas fazem parte da formulação de problemáticas posteriores como o círculo antropológico e a morte do Homem. Logo, ressalta-se a influência de Nietzsche no pensamento foucaultiano pré-arqueológico, trazendo a tona novos elementos para compor sua trajetória filosófica, como sua apropriação pela filosofia nietzschiana para pensar a aniquilação do sujeito e a história de sua constituição na década de 50.

Palavras-chaves: Psicologia. Antropologia Filosófica. Foucault e Nietzsche. Negatividade. Pré-arqueologia.

ABSTRACT: The following article aims to demonstrate that several questions from the "young" Foucault are pertinent to understand the development of his future works, specifically taking his contact with Nietzsche's works in the 50's to illustrate the universe of issues that was involved at the time and the way in which they would have ended up in his most well-known reflections, as in *History of Madness* and *The Order of Things*. Thus, through the reading and detained analysis of primary sources, biographies of Foucault and researchers interested in the pre-archaeological phase of Foucauldian thought, it is concluded that such reflections are not reduced to outdated theses, but are part of the formulation of later problems such as the anthropological circle and the death of Man. Therefore, Nietzsche's influence on pre-archaeological Foucauldian thought is emphasized, bringing to light new elements to compose his philosophical trajectory, such as his appropriation by Nietzsche's philosophy to think about the annihilation of the subject and the history of his constitution in the 1950s.

Key-words: Psychology. Philosophical Anthropology. Foucault and Nietzsche. Negativity. Pre-archaeology

1. INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche é comumente assinalado como um dos principais filósofos que influenciaram o pensamento de Michel Foucault. Suas considerações pelo filósofo prusso aparecem desde as

¹ O seguinte artigo é um dos ganhos parciais da pesquisa PIBIC-UFF intitulada *A questão da clínica na obra inicial de Michel Foucault*, tendo assim recebido financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Graduando em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), Polo Universitário de Rio das Ostras (PURO). Bolsista de Iniciação Científica CNPq.

obras arqueológicas, como *História da loucura* e *As palavras e as coisas*, até algumas suas reflexões mais tardias, como em *Vigiar e punir* e *História da sexualidade*. No entanto, a fase pré-arqueológica do pensamento foucaultiano não recebe a mesma atenção que a dedicada aos escritos posteriores do autor, portanto, existem diversas questões da década de 50 pouco exploradas ou então confrontadas. Nos anos 50, por exemplo, é possível detectar como as leituras das obras de Nietzsche mudaram o posicionamento do filósofo francês, mudanças que o acompanhariam pelo resto de sua trajetória filosófica. Sob tais considerações, o presente artigo tem como objetivo demonstrar que muitas das reflexões, considerações e indagações do Foucault pré-arqueológico são pertinentes para entender o desenvolvimento de suas obras futuras, especificamente tomando seu contato com Nietzsche como guia ou “pontapé inicial” para nos situar nessas discussões. Assim, a metodologia empregada constituiu-se principalmente pela leitura detida de fontes primárias, biografias de Foucault e pesquisas voltadas para sua fase pré-arqueológica. O artigo encontra-se dividido em 4 partes: a primeira levanta certas considerações sobre o Foucault da década de 50, entre elas a discussão acerca de seu contato com Nietzsche nesse período; a segunda explora a influência de Nietzsche na análise de Miotto (2011) do curso lecionado por Foucault em 1954-1955 na *École Normale Supérieure* (ENS) intitulado *Problèmes de l'Anthropologie*, sob anotações de Jacques Lagrange; na terceira, desdobra-se as possíveis implicações/similaridades dessa apropriação do Nietzsche focando em dois textos publicados em 1957 por Foucault, *A psicologia de 1850 a 1950* e *A pesquisa científica e a psicologia*; por fim, resgata-se de maneira sintética os resultados advindos das diferentes partes que compõem o trabalho. Em suma, pretende-se avançar sobre a questão: quais são os ganhos que o pensamento do “jovem” Foucault teria adquirido ao se deparar com Nietzsche?

2. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

A fase pré-arqueológica de Foucault, mais precisamente antes da publicação de *História da loucura*, é permeada de curiosidades. Em 1954, ele publica dois textos com projetos contraditórios: uma extensa Introdução a *Sonho e Existência* (obra do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger), na qual defende uma abordagem fenomenológica-existencial de cunho antropológico; e o seu primeiro livro, *Doença mental e personalidade*, que defende uma abordagem marxista-pavloviana, também de cunho antropológico. Apesar da clara diferença entre os dois projetos, que inclusive criticam cada qual as ideias que o outro apresenta (Cf. MOUTINHO, 2004; MIOTTO, 2011), há uma base de fundo em comum: a ideia filosófica de antropologia, tal como na pergunta “o que é o homem?”. Ou seja, tratam-se de teorias gerais sobre o homem, reflexões sobre o ser do homem e suas

implicações. Na Introdução, observa-se o homem enquanto existência, dotado de mundo, a qual pode ser autêntica ou inautêntica; no livro, observa-se o “homem concreto”, pensado nas suas relações concretas com a sociedade, o meio em que vive, o mundo e também em sua história individual. Vê-se então, apesar da diferença de teses, dois projetos antropológicos que visam firmar as ciências humanas e a psicologia através de uma reflexão humanista, ou melhor, amparada em determinada concepção universal de homem. Para tanto, qual seria o papel de Nietzsche nessa história?

As duas biografias de Foucault, escritas por Eribon (1989/1991) e Macey (1993/2019), apontam elementos que indicariam o primeiro contato de Foucault com obras de Nietzsche. Conforme Eribon (1989/1991), Maurice Pinguet descreve a descoberta de Nietzsche por Foucault no verão de 1953, enquanto estavam de férias na Itália, e Paul Veyne afirma que Foucault lhe havia dito que começou suas leituras nietzscheanas no mesmo ano (Cf. ERIBON, 1989/1991, p. 52). Quanto a Macey (1993/2019, cap. 2), ele reitera o relato de Pinguet e ressalta a ausência de menções ao Nietzsche nos primeiros escritos publicados do filósofo francês, tal como Eribon havia feito. Por volta desse período, Foucault lecionava psicologia em Lille (1952-1955), principalmente abordando sua história, teorias e autores, como a psicopatologia, Gestalt-teoria, testes de Rorschach, psicanálise, psiquiatria existencial, Kuhn, Binswanger e terminava o ano letivo abordando os fisiólogos soviéticos trabalhando na tradição pavloviana (ERIBON, 1989/1991, pp. 61-62). Assim, bastante interessado em psicologia nessa época, Foucault apenas teria demonstrado maior interesse por Nietzsche ao final de sua temporada como professor em Lille (ERIBON, 1989/1991).

Em contraparte, o pesquisador Hans Sluga (2005) apresenta considerações destoantes daquelas que se encontram nas duas biografias. Preocupado em fazer sugestões específicas sobre os questionamentos acerca do papel de Heidegger e Nietzsche na filosofia de Foucault ao analisar entrevistas que o filósofo francês afirma o papel de Heidegger em suas leituras de Nietzsche e outras que ele sequer menciona isso, Sluga (2005) propõe a seguinte retificação: a primeira leitura de Nietzsche teria ocorrido através de Bataille e Blanchot, pelo início da década de 50. Essa leitura o fez distanciar-se das influências dominantes na época, como o hegelianismo, husserlismo e sartreanismo. Dessa forma, ele teria lido Heidegger por volta de 1951-1952, devido as aulas que atendeu sobre Kant e Heidegger de Jean Beaufret, provavelmente começando suas leituras por *Cartas sobre o humanismo* e possivelmente tendo contato com seu ensaio sobre Nietzsche. Assim, Foucault teria relido Nietzsche em 1953 inspirado pelo contato com Heidegger, ocorrendo o dito

"choque filosófico"³. Logo, o ano de 1953 não teria marcado o primeiro contato de Foucault com as obras de Nietzsche, mas sim uma nova leitura sobre o filósofo prusso (SLUGA, 2005, p. 214). Leitura que, inclusive, aparenta estar presente no curso que Foucault lecionou em meados da década de 50, além de demonstrar distanciamento em relação à antropologia filosófica no mesmo ano em que mostrou filiação a ela.

De maneira geral, apresenta-se diferentes interpretações sobre o período que Foucault teria começado suas leituras das obras de Nietzsche (ora em 1953, ora em 1951-1952) e a discussão sobre como elas teriam influenciado seu pensamento. Levando isso em consideração, a análise de Miotto (2011) sobre um curso que Foucault ministrou em 1954-1955 é outro ponto importante a ser considerado em ditas discussões, uma vez que aponta para determinada apropriação da filosofia nietzscheana nos conteúdos lecionados pelo filósofo francês.

2.1. PROBLEMAS DA ANTROPOLOGIA

A tese de doutorado de Miotto (2011), pautando em parte anotações de Jacques Lagrange, demonstra que em 1954-1955, Foucault ministrou um curso na *École Normale Supérieure* (ENS) denominado *Problèmes de l'Anthropologie*, o que já contrasta com suas duas propostas antropológicas publicadas em 1954. Lá, a temática do homem passaria a ser uma questão histórica-filosófica, trazendo o seguinte problema: o sentido do ser do homem. Por tal viés, o curso realizaria uma análise de como a ideia de antropologia é problemática, e delinearía suas condições de possibilidade de existência através da história da filosofia. Ou seja, o curso visaria captar o momento no qual o homem tornou-se o fundamento último do próprio conhecimento, ou melhor, a constituição do fundamento antropológico sobre a verdade. Assim, será feita uma síntese dos conteúdos apresentados por Miotto (2011) para nos situar melhor nas influências de Nietzsche no Foucault da década de 50.

Inicialmente, as anotações do curso indicam que na filosofia clássica (são citados autores como Descartes, Leibniz, Malebranche) não haveria fundamento antropológico, ou seja, o homem como origem do conhecimento. Nesse caso, o conhecimento seria fundamentado em princípios que não diziam respeito ao homem em si, como em Deus, por exemplo. A filosofia cartesiana ilustra de

³ Conforme afirma Sluga (2005, p. 215), Heidegger ajudou a estimular as leituras de Foucault sobre Nietzsche, mas é importante salientar que sua futura relevância foi determinada por múltiplos fatores, como a fenomenologia, Bataille, Canguilhem e os próprios interesses de Foucault sobre uma história da racionalidade e do sujeito.

maneira clara tal princípio: nela, Deus é considerado o fundamento da verdade, e por ser bom e veraz, permite que o homem pense e conheça as coisas. Nas palavras de Descartes:

Pois, em primeiro lugar, aquilo mesmo que há pouco tomei como uma regra, a saber, que as coisas que concebemos de maneira muito clara e distinta são todas verdadeiras, só é seguro porque Deus é ou existe, e porque ele é um ser perfeito, e porque tudo que está em nós vem dele. (DESCARTES, 1637/2009, p. 76).

O tom entrevisto na filosofia cartesiana é correlato ao que se entrevê nas análises de Miotto sobre as anotações de Lagrange. Nesse momento da filosofia clássica, não seria possível uma “antropologia” pois a finitude do homem é tomada como negativo em função de um princípio ontológico infinito que o ultrapassa (MIOTTO, 2011, p. 178). No caso de Descartes, o homem só teria acesso ao conhecimento porque Deus é um ser perfeito, Ele estaria além do erro ou das limitações humanas. Mas a posição do homem passa a mudar principalmente com a chegada da “filosofia das luzes”, especialmente em Kant.

Seguindo o curso, a possibilidade do *Logos* antropológico decorre principalmente de dois pontos: a relevância cada vez maior da sensibilidade humana, não sendo encarada mais como obstáculo ou negativo do conhecimento; e também uma significação estritamente humana da felicidade, compreendida doravante como a “verdade do homem”. Nesse sentido, o homem cada vez mais pode fundamentar-se sem necessariamente recorrer a princípios ontoteológicos⁴, já que a felicidade (agora definida pela “ciência, pedagogia e crítica das condições atuais”) implicaria a “instrução” e as “leis sob as quais vive o homem” (MIOTTO, 2011, p. 163). No que diz respeito ao pensamento kantiano, suas lições de *Lógica* lançam mão de quatro questões as quais toda tentativa de antropologia retornaria a elas para responder à própria maneira. Tais são as perguntas: “Que posso saber?”, “Que devo fazer?”, “Que me é permitido esperar?” (perguntas das três Críticas) e, por fim, “Que é o homem?”. Curiosamente, as anotações de Lagrange demonstram que o pensamento kantiano tornaria possível uma Antropologia em geral, mas não da maneira que Kant teria situado ((Problèmes de l’Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, p. 163). Ou seja, Kant não haveria dado uma resposta antropológica para a questão do homem, diferente do que uma série de pensadores do século XIX teria feito.

⁴ “Ontoteologia” não é o termo utilizado no curso e caso fosse, poderia sugerir certa proximidade com os textos de Heidegger na época. Dessa maneira, a palavra é utilizada para indicar que não é somente Deus que poderia ser o fundamento do conhecimento na filosofia clássica, mas também a Natureza, o *Kosmos*, entre outros.

Posto isso, diversos filósofos teriam tomado a quarta pergunta kantiana como forma de responder as três primeiras, ou seja, determinada concepção de homem “condicionaria” o que se pode conhecer, o que se deve fazer e o que se deve esperar. De grosso modo, o homem “se permitiu” conhecer a verdade, mas sem se perguntar sobre a validade das condições que o permitiriam alcançá-la, caindo assim em uma espécie de “regressão reflexiva”. As antropologias, nesse sentido, tentaram criar uma teoria geral sobre o homem a partir de uma análise positiva dele, buscando responder a quarta questão com respostas antropológicas. A exemplo disso, o historicismo dotaria homem como *fundamento* da história, “mas apenas pode apreendê-la imerso em contingências históricas condicionantes da própria apreensão”; os naturalismos pressupõem um fundamento natural do homem, “objeto natural que não obstante oferece a si mesmo como *fundamento* de todo conhecimento da natureza” (MIOTTO, 2011, p. 169, grifos meus). Em outras palavras, haveria o seguinte problema nessas antropologias: são finitudes autofundantes, “raciocínios circulares” nos quais o Homem é tanto fundamento da verdade quanto contingente a ela. Muitos pensadores são enquadrados nesse quesito e citados ao longo do curso (Feuerbach, Dilthey, Husserl, Hegel), mas um filósofo em específico é resgatado para emergir as críticas ao pensamento antropológico: Nietzsche.

Após o evolucionismo clássico, Nietzsche seria um dos responsáveis pelo reaparecimento da crítica ao homem, ultrapassando pela primeira vez desde o século XIX a interrogação kantiana (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, p. 172). Tal recuo implica uma forma de ultrapassagem do homem no sentido de deslocar a *démarche* filosófica: “A *démarche* filosófica não deve ser a problemática de uma verdade, mas a descoberta do momento puro no qual verdade e erro não são ainda diferenciados e valorizados um pelo outro – é a experiência lírica em estado puro” (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, p. 172). Como demonstra as anotações compilada por Miotto, trata-se de deslocar o questionamento “como são possíveis os sintéticos *a priori*?” por “por que essa crença é necessária?” (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, p. 172). Portanto, Nietzsche demonstraria que “é necessário se liberar da verdade jamais verdadeira do homem” (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, p. 172). Ou seja, se o homem teria a possibilidade de conhecer a verdade e pretenderia conhecê-la, o que está em jogo agora é a própria noção de “verdade”. Diferente das antropologias, o filósofo prusso é colocado como questionador daquilo que elas visariam fundamentar. Mas quais são as vias adotadas por Nietzsche para realizar tal compromisso?

De acordo com as anotações compiladas por Miotto, as vias se dão através do “biologismo e psicologismo de Nietzsche”. Não se trata de fazer homenagens às disciplinas da época, nem desvios, mas constituí-las enquanto vias da filosofia nietzscheana. Sobre o biologismo e a ideia de

evolução, relata-se que “desenvolver-se não significa necessariamente se elevar e se sobrelevar” (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, pp. 172-173). Nesse caso, evoluir não é sinônimo de progresso, nem que a animalidade do ser humano remeteria a um estado de inferioridade, mas sim a demonstração que a evolução é a prova do devir, o que faria o homem se libertar dos limites considerados “essenciais”. Conseqüentemente, a evolução destituída de progresso “impede o homem destruir a verdade a partir de sua verdade”, ou seja, o impossibilita de reduzir o problema da Verdade a uma verdade situada no Homem, “dispersa a verdade *positiva* do homem” (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, p. 173, grifos meus). Nota-se o seguinte: não há *positividade* no Homem; é ele quem se encontra por assim dizer desorientado, sem pátria no mundo, não há pátria sequer antropológica. Sobre o psicologismo, a proposta de Nietzsche compilada por Miotto é romper com a psicologia dita “determinista” e “tradicional”, é “não analisar a alma, mas o movimento pelo qual o homem se dá uma alma” (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, p. 173). Ou seja, não remeter a Verdade ao Homem, mas o homem a certo jogo que estabeleceu determinado tipo de verdade. Portanto, “seria uma psicologia da psicologia”, que visa captar o momento em que o homem se dá uma antropologia/alma. Dessa forma, aparece um dos principais temas do recuo nietzscheano: “a via filosófica ser sempre mais ou menos uma história das origens do pensamento, uma psicologia de palavras” (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, p. 174).

Em síntese, a "biologia" e "psicologia" de Nietzsche visariam liberar o homem dos vínculos antropológicos, uma vez que sua ultrapassagem vai em direção à própria ideia de "verdade", visando o momento na qual o verdadeiro e o errado seriam indistinguíveis. Nas anotações de Lagrange:

O pensamento, não mais como ciência mas como filosofia, descobre o fato de que ele ignora sua própria origem, que esta é sua própria negação – aquilo a partir do que se pensa é a noite, a vontade como vontade de potência [*volonté de puissance*] (...) noite como origem do pensamento. (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, p.175)

Se as filosofias prometiam a verdade do pensamento (pensamento crítico) ou o pensamento da verdade (metafísica clássica), Nietzsche rompe com as duas perspectivas: trata-se do retorno à vontade, negar a verdade e afirmar a vontade de potência. A “noite” tomada como origem do pensamento permitiria a reflexão sobre os temas então afastados pelas pretensões “essenciais” da verdade, como a negação do estatuto idealizado da positividade do Homem e a conseqüente análise dessa constituição: a positividade do homem seria somente possível pela negatividade que ele

estabelece. Dessa forma, o curso termina com as seguintes anotações de Lagrange, e Miotto (2011, p. 176) aponta que não fica claro se é uma paráfrase de Jaspers ou do Nietzsche em si:

levar a sério a noite em que Nietzsche deixa seus discípulos; Levar a sério a liberação que vem de Nietzsche e libera para uma filosofia que não é; Levar a sério que Nietzsche, como todos os libertadores [*libérateurs*], depende de nossa liberdade: filosofar depende de nós.” (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, p. 176).

Em suma, a tese de Miotto apresenta evidências mais claras sobre o papel de Nietzsche no Foucault pré-arqueológico, como fica ilustrado pelas anotações compiladas de Jacques Lagrange e pelas análises do pesquisador sobre tais conteúdos. Logo, é possível comparar a apropriação nietzscheana na problemática antropológica com os relatos de Eribon, Macey, Sluga e outros para melhor entender o universo de questões que Foucault se deparava na época, o papel desempenhado pelo filósofo prusso em dadas ocasiões e como elas teriam possibilitado o desenvolvimento de suas obras futuras.

2.2. ANTROPOLOGIA, NEGATIVIDADE E PSICOLOGIA

Conforme visto, sabe-se que em 1954 Foucault publica dois textos com projetos antropológicos diferentes. No mesmo ano, ele ministra um curso com certa tonalidade que se distancia da antropologia filosófica: não basta fundar uma ideia de Homem, é necessário superá-la tal como Nietzsche teria ensinado, de acordo com o tom do curso anotado por Lagrange. Nesse sentido, se o homem não pode se autofundamentar e sua positividade está dispersa, destituída de progresso, a negatividade tomaria a base do pensamento antropológico. Como conhecer o homem? Através das formas que se desviam dele, do que “não é homem”. Mas “que é o homem?”. Percebe-se a drástica mudança - autocrítica, de certa forma - em um intervalo consideravelmente curto de tempo, visto que Foucault inicialmente defendia a fundamentação antropológica para então contestá-la no curso lecionado na ENS.

Resgatando o artigo de Sluga (2005, p, 224) e a maneira pela qual Foucault teria se deparado com as obras de Nietzsche, o pesquisador ressalta a ideia de diferentes “Nietzsches” terem influenciado o filósofo francês em momentos distintos de sua trajetória intelectual. São destacados quatro: o primeiro Nietzsche seria aquele associado ao Bataille e Blanchot (início da década de 50), no qual haveria um projeto de destruição ou aniquilação do sujeito, de onde teria derivado o próximo Nietzsche de Foucault; o segundo teria demonstrado a possibilidade de se fazer uma história da razão e do sujeito, que teria aparecido gradualmente em sua trajetória filosófica; o terceiro

Nietzsche seria o pensador da genealogia, o filósofo da vontade de poder; por fim, o quarto Nietzsche estaria relacionado com as técnicas/cuidados de si e, de certa forma, complementando o projeto do primeiro Nietzsche (SLUGA, 2005, pp. 224-225).

Levando em consideração as anotações de Lagrange sobre o curso e a data em que foi ministrado (1954-1955), Foucault parece apropriar-se do Nietzsche de maneira próxima às duas primeiras fases apontadas. Há uma série de afrontas ao sujeito “antropológico”, seja pela ausência de progresso (evolução enquanto devir) e a consequente dispersão de sua positividade, uma espécie de crítica à Verdade última estabelecida por si mesmo (na ausência de progresso, o homem não poderia se prometer uma verdade), quanto a necessidade de libertar “o homem dos vínculos antropológicos”. Sobre a história do sujeito, o curso, conforme apontado por Miotto, realiza uma análise sobre como a temática do Homem veio a se constituir ao longo da história da filosofia, demonstrando as possíveis condições que teriam o conduzido ao estatuto originário que adquiriu em torno do século XIX. Assim, o curso termina a análise com as críticas de Nietzsche, apontando a possibilidade de uma história da “invenção” do pensamento, visando o momento em que o certo e o errado seriam indistinguíveis. Em síntese, Nietzsche é apresentado no curso de forma coerente aos apontamentos de Sluga, mas não fica evidente se Foucault estava inspirado nas leituras de Heidegger para tal propósito - apesar de Miotto (2011, p. 176) indicar que Lagrange cita diversos intérpretes de Nietzsche, entre eles o Heidegger - ou até mesmo nas leituras de Jaspers, como é apontado no final da análise do curso⁵.

Diante desses esclarecimentos, abre-se o problema sobre que formulações futuras poderiam ser antecipadas ou não. Não se trata em dizer que a maneira pela qual o curso se desenrola é idêntica aos compromissos futuros de Foucault, mas sim demonstrar que as problemáticas levantadas nessa época são pertinentes para suas formulações posteriores. Se Pegden (2019) lembra do papel da *Antropologia* de Kant e a filosofia crítica de Nietzsche na virada da década de 50-60 para a formulação da crítica antropológica nas obras arqueológicas de Foucault, conforme as análises de Miotto, o curso sobre problemas da antropologia estende tais influências para um período anterior. Dessa forma, quando Macey (1993/2019, cap. 4) afirma que Foucault, ao final de sua tese complementar (tradução e introdução para a *Antropologia* de Kant) evoca Nietzsche como se este tivesse colocado um fim nos questionamentos acerca do homem, trata-se de uma argumentação

⁵ Eríbon (1991) afirma que Foucault era um leitor atencioso de Jaspers, e que citava frequentemente sua obra intitulada *Psychologie générale* em seus primeiros artigos. Assim, esse relato complementa-se com o possível papel de Jaspers no curso sobre problemas da antropologia, o que demanda uma análise mais profunda sobre suas influências em Foucault nessa época, seja através de Nietzsche ou não.

semelhante ao que Miotto apresenta em *Problèmes de l'Anthropologie*⁶. Inclusive, argumentação que estaria de acordo com a morte de Deus em Nietzsche desembocar no desaparecimento do homem, por exemplo (FOUCAULT, 1966). Em linhas gerais, é o sentido que o curso toma ao mostrar o abandono dos *Logos* ontoteológicos pelo *Logos* antropológico, por fim apontando críticas a esta com a filosofia nietzscheana.

Além disso, *Problèmes de l'Anthropologie* (1954-1955) está inserida em um conjunto de reflexões que aparecem em dois artigos publicados por Foucault em 1957: *A psicologia de 1850 a 1950* e *A pesquisa científica e a psicologia*. Nesses dois textos, de maneira geral, o tema da negatividade emerge assim como as problematizações acerca de um saber positivo sobre o homem, sendo mais desenvolvida no último artigo supracitado e agora situadas no âmbito da psicologia, especificamente. Curiosamente, existem diversos relatos que afirmam o aparecimento de tais temas ao período anterior de suas devidas publicações. Primeiramente, Eribon (1989/1991, p. 43 e 63) relata que Foucault escreveu *A pesquisa científica e a psicologia* em 1953, e afirma que o artigo sobre a história da psicologia já estava pronto por volta dessa época, de acordo com uma lista de projetos que o filósofo estava desenvolvendo em 1952-1953. Em segundo lugar, a outra biografia de Foucault escrita por Macey (1993/2019, cap. 3) relata que as suas aulas de Lille (1952-1955) eram baseadas, na maior parte, em seus próprios estudos da época, assim como *A psicologia de 1850 a 1950* reflete as aulas que ministrou em Lille e Paris. Gerard Lebrun (1985), que foi aluno de Foucault durante esse período, diz que o tema da negatividade já aparecia nas aulas lecionadas pelo mesmo em 1953-1955. Em síntese, trata-se de dizer que a produção dos dois textos supracitados e suas implicações estão cronologicamente próximas do desenvolvimento sobre os problemas da antropologia.

Posto isso, é possível afirmar que o contato de Foucault com Nietzsche em meados da década de 50, em certo grau, relaciona-se com as problematizações sobre a psicologia, inclusive nas aulas de dita disciplina que ministrou em Lille na época.⁷ No entanto, diante da dificuldade de se estabelecer

⁶ Kant é outro autor importante a ser analisado na fase pré-arqueológica de Foucault, uma vez que suas considerações pelo filósofo de *Königsberg* são cruciais para compreender as obras foucaultianas. Embora o escopo do atual trabalho não seja compreender a influência de Kant em tal período, vale ressaltar que Miotto (2011) sinaliza possíveis reverberações de *Problèmes de l'Anthropologie* na tese complementar, assim como Souza (2016) analisa a interpretação de Foucault sobre Kant na mesma obra, o que abre a possibilidade de comparar tais apropriações e a maneira pelas quais se configuram.

⁷ Quando entrevistado por Badiou e questionado sobre o que lecionaria de psicologia em uma aula de filosofia, Foucault disse que inicialmente tentaria iniciar os alunos nas técnicas utilizadas pelos psicólogos da época, como os métodos de laboratório e de psicologia social, e tentaria explicar-lhes a psicanálise. Após isso, ele retiraria “sua máscara” e diria que a psicologia, tal como a filosofia e as ciências humanas, passam por uma espécie de sono antropológico, um “impasse absolutamente inevitável e fatal”, e que é necessário despertá-las dessa condição (FOUCAULT, 1965/1999, p. 209). Curiosamente, é provável que situação similar deva ter ocorrido durante o período que lecionou na Universidade de Lille.

com precisão o que veio primeiro (a negatividade ou as problematizações sobre a antropologia filosófica), o importante é apontar para o fato de que elas estão inseridas no mesmo universo de questões, o que dificulta abordar uma sem levar em consideração a outra. Dessa forma, quando Moutinho (2004) analisa os projetos antropológicos de 1954 e a maneira pela qual Foucault teria feito uma “autocrítica” aos mesmos compromissos, extraindo dos textos publicados em 1957 repercussões que apareceriam em *História da loucura*, ele conclui que a negatividade se aproxima com o que viria ser a Desrazão na primeira obra arqueológica do autor, não se tratando unicamente mais como a fundamentação da psicologia, mas sim como uma distinção entre Razão e Desrazão, verdade e não-verdade, louco e não-louco. Ou seja, as experiências contraditórias que o homem estabelece consigo mesmo, nas quais a psicologia se baseia, remetem a determinada configuração do saber moderno, responsável pela objetivação de uma verdade sobre o homem através do saber que extrai da loucura. Assim, vale estender a análise dos textos de 1957 em paralelo com *Problèmes de l'Anthropologie*, o que conseqüentemente assinala mais repercussões futuras na trajetória intelectual do filósofo francês.

Em *A psicologia de 1850 a 1950*, Foucault (1957/1999) tece uma breve história sobre a psicologia e seus diferentes projetos instituídos. O projeto de uma psicologia oriundo do Iluminismo alemão se apropriaria da metodologia das ciências naturais, tanto como na experimentação, formulação de hipóteses e leis que pudessem ser expressas em funções matemáticas. No entanto, a busca pelo rigor através do projeto das ciências naturais levou a uma contradição: por questões de objetividade e rigor, havia de se reconhecer que o homem não era da ordem do natural (FOUCAULT, 1957/1999). Logo, a aplicação da matemática e de métodos quantitativos não fariam mais sentido em psicologia, e a sua história até a metade do século XX gira em torno da contradição entre tal projeto e seus devidos princípios, demonstrando como o ideal de rigor das ciências naturais os abandonou ao decorrer de sua trajetória (FOUCAULT, 1957/1999). Conseqüentemente, ao “descobrir o novo status de homem”, que não seria somente aquele pertencente ao naturalismo, a psicologia precisou encontrar novos princípios e projetos para sustentar a “revolução radical” da psicologia como ciência (FOUCAULT, 1957/1999). Porém, tal revolução “[...] ainda é uma tarefa incompleta a ser preenchida e, a esse título, permanece na ordem do dia” (FOUCAULT, 1957/1999, p. 123). Concomitante a esse abandono do projeto iluminista e a busca dos novos pressupostos, a psicologia estabeleceu novas relações com a prática, como a psicologia escolar, psicologia do trabalho e com a medicina mental, por exemplo (FOUCAULT, 1957/1999). Nesse sentido:

Ela [a psicologia] se apresentou como seu fundamento racional e científico; a psicologia genética constituiu-se como o quadro de toda pedagogia possível, e a psicopatologia ofereceu-se como reflexão sobre a prática psiquiátrica. Inversamente, a psicologia se colocou como questão os problemas suscitados por essas práticas: problema do sucesso e do fracasso escolar. problema da inserção do doente na sociedade, problema da adaptação do homem a sua profissão. (FOUCAULT, 1957/1999, p. 123)

A partir desses exemplos, Foucault conclui que a psicologia tal como conhecemos nasce do momento em que a prática humana encontra sua própria contradição: uma psicologia da adaptação existe na medida em que há problemas de adaptação, uma psicologia do desenvolvimento quando há problemas de desenvolvimento e assim por diante. Em síntese, a psicologia contemporânea é uma análise do patológico, do anormal, das experiências conflituosas que o homem tem consigo mesmo (FOUCAULT, 1957/1999).

Posto isso, a indagação central de Foucault é saber até que ponto a psicologia consegue dominar as contradições que deram início a sua existência tal como a conhecemos. Dessa forma, ao explorar os projetos de psicologia naturalistas e resgatar as psicologias advindas da “descoberta do sentido”, revolução que marca o distanciamento do projeto do iluminismo alemão, Foucault percebe que as contradições iniciais não foram resolvidas, mas sim potencializadas ao restituir o sentido ao homem (FOUCAULT, 1957/1999). São os elementos ou o todo que explicam o homem? O comportamento individual ou o determinismo social? O nativismo ou o desenvolvimento biológico? Diante desse impasse, a psicologia buscou não mais atenuar suas contradições, mas sim justificá-las ao inseri-las no próprio âmbito da experiência humana (FOUCAULT, 1957/1999). Assim, Foucault ilustra dois exemplos: a cibernética, que em suas análises estatísticas ficam abertas ambiguidades para a justificativa dos fenômenos psicológicos; em outras palavras, o determinismo clássico daria espaço para o determinismo probabilístico como maneira de reconhecer a “subjetividade” como os eventos que não podem ser ainda claramente previstos. O segundo exemplo é a ultrapassagem da psicologia pela antropologia fenomenológica-existencial, recharacterizando o homem em sua existência no mundo, uma realidade a qual ele mesmo espacializa, temporaliza e projeta. Nesse caso, haveria uma liberdade fundamental inerente ao homem, ao ponto dele mesmo “escolher” cair no determinismo ou indeterminismo das coisas. Mas será que dotar as contradições como respostas definitivas às problemáticas que moveram a psicologia resolve sua situação? De acordo com Foucault:

Esse abandono e a análise nova das significações objetivas puderam resolver as contradições que o motivaram? Não parece, uma vez que nas formas atuais da psicologia reencontramos essas contradições sob o aspecto de uma ambiguidade que se descreve como coextensiva a existência humana. Nem o esforço em direção a determinação de uma causalidade estatística, *nem a reflexão antropológica sobre a existência* podem ultrapassá-

las realmente, quando muito, podem esquivar-se delas. quer dizer, encontrá-las finalmente transpostas e travestidas. (FOUCAULT, 1957/1999, pp. 138-139, grifos meus)

Esse é o tom geral que finaliza *A psicologia de 1850 a 1950*. Logo, o teor do texto é o da contradição entre o que a psicologia propõe e seus resultados, não de uma ciência que progride corroborando e refutando suas propostas. Levando em consideração o curso sobre problemas da antropologia (1954-1955) e o momento no qual esse texto foi escrito (1952-1953), fica mais curiosa a afirmação sobre a reflexão antropológica não poder, de fato, ultrapassar os problemas da psicologia. Dessa forma, vê-se a verdade positiva do homem no sentido que a psicologia contemporânea se baseia nas experiências contraditórias que o homem estabelece consigo mesmo, tomando a negatividade como referencial a ser constituído em suas análises. Assim, a psicologia não nega mais tais contradições, mas as afirma para se desenvolver sobre o signo dessas experiências: a reflexão antropológica sobre a existência tomaria as estruturas existenciais do sujeito como forma coextensiva e inerente ao ser do homem, cuja liberdade fundamental “escolheria” vivenciar a inautenticidade do determinismo ou indeterminismo das coisas, por exemplo. Além disso, a denúncia à “reflexão antropológica” diz respeito a algo recorrente na década de 50, em especial a uma antropologização pertinente no pensamento francês acerca da fenomenologia, que também é apontada por Derrida (CARVALHO, 2018). Aliás, as anotações de Lagrange no curso reforçam essa ideia:

Por que a Antropologia contestou a si mesma, à causa do contexto naturalista? Ora, a fenomenologia, que foi de saída anti-antropológica, anti-psicologista, foi a crítica mais radical do naturalismo – o tema do mundo reaparece [...] O tema do mundo na fenomenologia não é outra coisa que o esquecimento da crítica nietzscheana. (Problèmes de l'Anthropologie 1954-1955 in Miotto, 2011, p. 172)

A pesquisa científica e a psicologia parece a continuação de *A psicologia de 1850 a 1950*, principalmente se levarmos em conta que estavam sendo desenvolvidas em um período relativamente próximo, junto ao *Problèmes de l'Anthropologie*. Embora Foucault tenha mencionado brevemente as relações da psicologia com as práticas no último texto analisado, seu desdobramento pode ser encontrado no outro texto publicado no mesmo ano, além de aprofundar as críticas realizadas à psicologia.

A primeira curiosidade que nos deparamos na análise de *A pesquisa científica e a psicologia* é a ideia de que a psicologia pode ser, de antemão, científica ou não. Levando isso em consideração, Foucault (1957) argumenta que não basta analisar a psicologia através dos critérios da ciência, é necessário analisá-la a partir dos estatutos que ela mesmo denomina.

Ao analisar os desdobramentos do Inconsciente freudiano sobre a psicologia da consciência, Foucault percebe que não ocorre o alargamento da abertura da ciência para novas áreas ou objetos, em prol de uma investigação geral e radical. O que acontece na pesquisa psicológica é parecido com uma conduta de desvio, ou seja, o conhecimento constituído é invalidado e substituído por outro (da consciência para o Inconsciente), mas sem colocar em xeque a ciência em si, e sim seu objeto de estudo. Em outras palavras, a progressão da pesquisa psicológica não indica necessariamente o desenvolvimento da ciência, é um constante desgarramento/desapego das formas constituídas do saber, que culmina na redução da ciência ao seu objeto e numa suspeita crítica sobre o próprio conhecimento psicológico (FOUCAULT, 1957). Logo, o avanço da psicologia não ocorre da superação sempre renovada do erro, mas a partir de denúncias de ilusões, seja pela subjetividade, pelo elemento, pelos pressupostos naturalistas... Nesse sentido, não há erro científico em psicologia, apenas ilusões, e a função da pesquisa é justamente apontá-las (FOUCAULT, 1957).

Para além dessas árduas críticas, Foucault estabelece um paralelo com a pesquisa histórica. Inicialmente, parece que ela pode ser vítima das mesmas acusações foucaultianas, já que o “erro histórico tem também a aparência do mito e o sentido de uma ilusão” (FOUCAULT, 1957, p. 8). No entanto, a diferença crucial é que a crítica histórica se desenvolve através da positividade: mesmo que progrida por desmistificações sucessivas, ela representa uma tomada progressiva de consciência sobre os seus eventos, tal como em um movimento dialético (FOUCAULT, 1957, p. 8). Em outras palavras, a história tem a capacidade de autofundamentar, progredir, realizar uma revisão mais geral de suas bases, enquanto a psicologia é tomada pela negatividade, sem qualquer perspectiva de avanço em seu saber, agarrando e desgarrando-se perpetuamente de seus objetos na medida em que as denúncias de ilusão tomam corpo. Se a crítica histórica toma sentido de fundamento, a crítica psicológica toma o sentido de negação (FOUCAULT, 1957, p. 8). Após explorar a maneira pela qual as teorias psicológicas se configuram, ou seja, pela negatividade, a análise do filósofo francês parte para o âmbito entre a teoria e a prática.

Como uma teoria psicológica pode ser aplicada em qualquer prática ao mesmo passo em que as outras também prometem fazer isso, apesar de se contradizerem? Nesse sentido, a prática psicológica teria credibilidade pois "funciona", isenta de qualquer postulado especulativo e teórico, enquanto o valor da teoria está em sua aplicabilidade em qualquer prática. Posto isso, a pesquisa em psicologia pode ser considerada a mais desinteressada de todas as pesquisas e a mais pressionada por necessidades. De um lado, desinteressada por não responder a demandas práticas; mais necessitada visto que a existência da psicologia enquanto ciência e de sua prática dependem da desenvoltura e sucesso da pesquisa científica psicológica. Paradoxalmente, a não existência da

prática autônoma e efetiva da psicologia é o que condicionou a existência de sua pesquisa “positiva”, científica e questionavelmente eficaz, uma vez que a prática psicológica não se fundamenta na teoria e, portanto, jamais toma sentido de pesquisa (FOUCAULT, 1957, p. 11). Logo, a relação disjuntiva entre a teoria e a prática seria a representação da negatividade em si: uma nega a outra para se afirmarem.

Ao discorrer sobre a psicologia no trabalho, Foucault demonstra a possibilidade que os termos psicológicos tenham várias maneiras de serem interpretados porque estão atrelados a um estatuto histórico, social ou econômico, não necessariamente psicológico. De acordo com ele, a noção de aptidão muda de conteúdo conforme o contexto econômico: ora significa uma noção cultural de formação, ora uma estimativa de educabilidade, ora uma forma de discriminação de acordo com o rendimento. No entanto, enquanto as outras ciências também são perpassadas por questões sociais e econômicas, elas ainda continuam sendo “física”, “biologia”, “química”. Dessa forma, as técnicas psicológicas perdem sua validade e seu sentido, tornam-se alienáveis, a própria técnica psicológica não é psicológica (FOUCAULT, 1957, p. 15). Em seguida, demonstra-se que as práticas psicológicas surgem a partir dos obstáculos que são encontrados ou imposto à prática humana, semelhante com a breve explanação que é vista em *A psicologia de 1850 a 1950*. Só é possível uma psicologia da “inteligência” quando há “estupidez”, assim como uma psicologia da “adaptação” quando há o “inapto”. É assim que se evidencia a positividade do conhecimento psicológico: ele toma a negatividade proveniente das experiências humanas e reverte seu polo, e esse parece ser o projeto silencioso de toda a psicologia (FOUCAULT, 1957).

Finalmente, Foucault (1957, p. 21) termina o texto afirmando que essa realidade da pesquisa, essencialmente negativa, é o preço pago pela psicologia ao escolher afirmar a positividade. No geral, percebe-se que a fundamentação da psicologia se dá através do negativo: a negatividade nas relações teoria/teoria, teoria/prática e na prática embasada na experiência da contradição humana (MIOTTO, 2011, p. 200). Na ausência de uma positividade constituinte no ser do homem, uma verdade sobre si seria construída através dos desvios daquilo que deveria ser. Se o homem é dotado de inteligência, o “retardado” seria tomado como referencial para afirmar um desvio, ou seja, o homem não é retardado, não tem (ou não deveria ter) problemas cognitivos. Dessa maneira, as “crianças retardadas” possibilitariam a emergência de um determinado espaço psicológico, como o do psicólogo escolar, que agora teria a Verdade sobre as questões pedagógicas que dizem respeito ao funcionamento da escola. Mas e se compararmos com as ciências? Não se tem indústrias químicas sem a química, engenheiros sem a física... as outras ciências emergem da positividade e conseqüentemente se deparam com negatividades, como problemas práticos, limitações teóricas,

enquanto a psicologia emerge do negativo para fundamentar sua suposta positividade (o inteligente existe porque existe o retardado e assim por diante).

Isso também levanta a questão se a psicologia não estaria travestida de questões não-psicológicas, como Foucault demonstra sobre o conceito de “aptidão” e na sua conseqüente afirmação em *Doença mental e psicologia*: “A ‘psicologia’ é somente uma fina película na superfície do mundo ético no qual o homem moderno busca sua verdade — e a perde. Nietzsche, a quem se fez dizer o contrário, tinha-o visto muito bem” (FOUCAULT, 1962/1975, p. 59). Logo, evidencia-se novamente a situação na qual a psicologia estaria em jogo sobre a verdade do homem, cuja forma pela qual se constitui abre possibilidades para influências além de seu âmbito: econômicas, sociais, éticas... diante da alienação de seus próprios conceitos, a psicologia acabaria por dispersar a positividade do homem moderno e o faria perder-se na busca dessa Verdade.

Mais um questionamento à tona: como o homem poderia fundar uma ciência positiva sobre si sendo que ele é incapaz de se autofundamentar em sua finitude? Parece que essa problemática fica evidenciada também em *A pesquisa científica e a psicologia*. As relações entre as próprias teorias psicológicas se dão pela negatividade. Assim, o que ocorre na Psicologia é um constante desgarramento/desapego das formas constituídas do saber, que culmina na redução da ciência ao seu objeto e numa suspeita crítica sobre o próprio conhecimento psicológico. (FOUCAULT, 1957, p. 7). Diferente das ciências, nas quais o conhecimento se desenvolve e toma sentido de progressão, positividade, as diferentes psicologias acusam umas às outras de ilusão, falsidade.⁸ Não há base comum na qual todas concordem, sequer existe a noção de paradigma nesse “anarquismo epistemológico”. Ao mesmo tempo que existe o Inconsciente freudiano, os behavioristas negam qualquer forma de mentalismo e pregam pelo comportamento objetivamente observável. Na ciência, quando dois ou mais modelos teóricos são conflitantes, geralmente um deles “triumfa” por ter uma melhor explicação que os demais, fazendo assim o conhecimento progredir. Conseqüentemente, o modelo aceito dá base para outras teorias e formulações e, caso seja necessário, ocorre uma revisão geral do conhecimento na área. Logicamente, o mesmo deveria ocorrer em psicologia, mas não é o caso. Ainda existem psicanalistas, behavioristas, fenomenólogos, gestaltistas, piagetianos... Se uma dessas vertentes “triumfasse”, isso significaria o

⁸ Cabe aqui resgatar a comparação que Miotto (2019) realiza com a física do século XIX. Embora houvesse teorias diferentes na época para explicar o fenômeno da eletricidade, seja pelos princípios atomistas ou dinâmicos, ambos visavam explicar os fenômenos elétricos a partir de determinadas entidades subjacentes. No entanto, analistas como Georg Simon Ohm estabeleceram modelos matemáticos que descreviam a eletricidade sem recorrer às ditas entidades. Assim, mesmo entre conceitos divergentes, haveria um princípio de positividade que faria ambas perspectivas operarem sob o nome de “Eletricidade”. Isso não aconteceria em psicologia pois suas diferentes linhas não partem de um “campo comum”, todas apresentam conceitos sustentados por diferentes referenciais teóricos, o que as dificilmente fazem operar sob o mesmo nome ou então evento.

fim das outras. No entanto, nenhuma das teorias é invalidada pelas demais, embora todas se acusem de falsidade (já que a crítica toma sentido de negação, não de fundamentação) e fiquem reduzidas aos seus próprios objetos de estudo. Parece que se o homem não é dotado de progressão e isso o impediria de destruir a verdade a partir de sua verdade como teria demonstrado Nietzsche, tal situação ocorre com a psicologia que visa estudá-lo. Nesse sentido, mesmo que a psicologia domine suas contradições, ela jamais daria conta dos problemas originários que movem sua existência:

Talvez, um dia não saibamos mais muito bem o que pode ter sido a loucura. Sua figura terá se fechado sobre ela própria, não permitindo mais decifrar os rastros que ela terá deixado. Esses rastros mesmos, seriam eles outra coisa, para um olhar ignorante, além de simples marcas negras? Quando muito, farão parte de configurações que nós outros, agora, não saberíamos desenhar, mas que serão, no futuro, os quadriculos indispensáveis através dos quais nos tornaremos legíveis. nós e nossa cultura. (FOUCAULT, 1964/1999, p. 190)

Por fim, os dois textos de 1957 apontam a necessidade de uma via histórica para compreender a experiência da contradição do homem (em uma última análise, a sua não autofundamentação) como originadora da psicologia. Mesmo que se acabe com a loucura, com os problemas cognitivos, com as dificuldades de adaptação, elas ainda seriam constituidoras de um referencial negativo a ser tomado para fundamentar o homem e a verdade última sobre seu ser. Portanto, se o homem não pode prometer a verdade si próprio ao moldes da pretensão positiva vista nas outras ciências, o “regresso aos infernos” enunciado por Foucault resulta em *História da loucura*, uma história que filosofa ao mote nietzscheano (“a descoberta do momento puro no qual verdade e erro não são ainda diferenciados e valorizados um pelo outro”) a “experiência trágica da loucura”, que é apropriada como categoria de doença mental na medida em que o homem afirma sua verdade através do que não é. Dessa forma, cabe realizar uma síntese das conclusões extraídas ao explorar o contato de Foucault com o Nietzsche na década de 50.

3. CONCLUSÃO

Após a análise detida dos elementos abordados ao longo do artigo, evidencia-se a importância de enxergar as problematizações de Foucault nos anos 50 não como teses ultrapassadas, mas como possíveis pontapés iniciais de suas reflexões mais conhecidas posteriormente. Tomando Nietzsche como o autor preferencial para nos situar nessas discussões, estende-se a proposta de Sluga (2005) para melhor delinear as possíveis influências de Heidegger nas leituras que Foucault fez de

Nietzsche durante sua fase pré-arqueológica, levando em consideração que o nome dele é citado no curso e atentando-se também para a possibilidade de Jaspers estar envolvido nesse quesito. Embora os biógrafos do filósofo francês falem da ausência de referências ao Nietzsche em seus primeiros textos, Foucault já se apropria do filósofo prusso em *Problèmes de l'Anthropologie* (1954-1955), cronologicamente próxima dos dois projetos antropológicos que publicou em 1954 mas que marca sua ruptura a tais compromissos; indica proximidade com os questionamentos acerca da psicologia que desenvolveu na mesma época e nos conteúdos que lecionava em Lille; por fim, demonstra que tais indagações, tanto na psicologia quanto na filosofia, reverberam em suas obras futuras como *História da Loucura* e *As palavras e as coisas*, conseqüentemente estendendo as análises feitas por Moutinho (2004), Miotto (2011, 2019), Souza (2016) e Pegden (2019), por exemplo. Logo, pode-se afirmar que, em meados da década de 50, Foucault utilizava a filosofia nietzscheana para refletir sobre a aniquilação do sujeito antropológico - o dito Homem - quanto em sua constituição na história da filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, J. D. Fenomenologia e antropologismo: a morte do homem entre Foucault e Derrida. **Revista Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciências**, v. 1, n. 3, pág. 21-34, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/34352>>. Acesso em: 08 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/emconstrucao.2018.34352>.

DESCARTES, R. (1639/2009) **Discurso do método**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ERIBON, D. (1989/1991) **Michel Foucault**. New York: Harvard University Press, 1991.

FOUCAULT, M. (1957) A pesquisa científica e a psicologia. Traduzido a partir de **Nouvelle Recherche**, no 13, 1957, pp. 173-201, por Marcio Luiz Miotto. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/pesquisa.pdf>> . Acessado em 16 de mar. 2020.

FOUCAULT, M. (1957/1999) A Psicologia de 1850 a 1950. In: **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise (Ditos e Escritos I)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 122-139.

FOUCAULT, M. (1962/1975) **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

FOUCAULT, M. (1964/1999) A Loucura, A Ausência da Obra. In: **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise (Ditos e Escritos I)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 190-198.

FOUCAULT, M. (1965/1999) Filosofia e Psicologia. In: **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise (Ditos e Escritos I)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 199-209.

FOUCAULT, M. (1966) O homem está morto? . Traduzido a partir de **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994, vol. I., p. 540-544, por Marcio Luiz Miotto. Disponível em:

<<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/hommemorto.pdf>> .
Acessado em 04 ago. 2020.

LEBRUN, G. (1985) Transgredir a finitude. In: RIBEIRO, Renato J. (Org.). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 9-23.

MACEY, D. (1993/2019) **The lives of Michel Foucault**. 3a edition. London/New York: Verso, 2019.

MIOOTTO, M. (2011) **O problema antropológico em Michel Foucault**. Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação em Filosofia da UFSCAR. São Carlos: UFSCAR, 2011. Disponível em: < <https://philpapers.org/rec/MIOOPA>>. Acessado em 24 abr. 2020.

MIOOTTO, M. (2019) De Canguilhem a Foucault, em torno da Psicologia. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 35, p. 112-142, 30 dez. 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/162285>> . Acessado em 27 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v2i35p112-142>

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. (2004) Humanismo e anti-humanismo Foucault e as desventuras da dialética. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 171-234, dez. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000200001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abr. 2020.

PEGDEN, R. (2019) Da fundamentação antropológica da psicologia à crítica antropológica de História da loucura de Michel Foucault. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 35, p. 171-185, 30 dez. 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/160686>> . Acessado em 26 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v2i35p171-185>

SLUGA, H. (2005). Foucault's Encounter with Heidegger and Nietzsche. In G. Gutting (Ed.), **The Cambridge Companion to Foucault**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.210-239. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/cambridge-companion-to-foucault/foucaults-encounter-with-heidegger-and-nietzsche/3DCB99F2EF765D12EEF5556F2234A36A>> . Acessado em 09 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL0521840821.009>

SOUZA, R. F. B. (2016) A arqueologia foucaultiana da antropologia de Kant. In: MADARASZ, N. R. et al.(orgs.). **Foucault: leituras acontecimentais**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p.100-150.